Esta obra está sob o direito de Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGOGIA NA DISLEXIA, DISCALCULIA E DISLALIA NA EDUCAÇÃO

Adriana Maria Dutra de Góis[1]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo demonstrar, por meio de estudo bibliográfico, a importância do profissional da psicopedagogia na intervenção sobre estudantes com dislexia, discalculia e dislalia na educação infantil, proporcionando a prevenção deste transtorno e a inclusão do educando, especificamente, com este distúrbio de aprendizagem. São necessários conhecimentos específicos sobre aprendizagem para que haja a intervenção adequada, que é o campo de estudo do profissional da Psicopedagogia. Existem vários tipos de distúrbios da aprendizagem, mas o presente estudo focou-se na dislexia, discalculia e dislalia, que é a dificuldade especificamente na leitura, pensar e na escrita. No trabalho de prevenção e intervenção escolar, o melhor é que ocorra o quanto antes, ideal ainda na educação infantil, gerando menos prejuízos para a aprendizagem escolar e proporcionando a inclusão das pessoas com alguma dessas dificuldades.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopedagogia, Prevenção, Educação Infantil, Inclusão.

[1] E-mail: adrianadutradegois@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, existe o interesse de saber como o Homem aprende.

Nosécuło XIX, com o desenvolvimento das disciplinas científicas, entre elas a Psicologia e a Pedagogia, importantes descobertas contribuíram para o desenvolvimento de diferentes teorias sobre o processo de construção do conhecimento.

No século XX, ocorreram muitos estudos, baseados em experimentos, que construíram diferentes teorias de aprendizagem, ressaltando o papel da educação e demais atividades relacionadas ao sujeito que aprende.

Mesmo diante de várias teorias e cada uma dentro das suas perspectivas, estudiosos como Tavares (2004) defendem a aprendizagem significativa, em que "o aprendente transforma o significado lógico do material pedagógico em significado psicológico" e à medida que esse conteúdo se insere de modo peculiar na sua estrutura cognitiva e que cada pessoa tem um modo específico de fazer essa inserção.

A Pedagogia prepara pessoas capazes de compreender e colaborar para a melhoriada qualidade em que se desenvolve a educação. Na realidade brasileira, compreende-se que os envolvidos neste processo estejam comprometidos com uma formação que carreia em seu âmago a ideia de transformação social.

A Psicopedagogia está na fronteira entre duas áreas do conhecimento: a Psicologia e a Pedagogia. A conjugação delas auxilia na melhoria do processo ensino-aprendizagem, contribuindo eficazmente para a inclusão dos discentes com distúrbios na aprendizagem. Para Bossa (2011, 190), (...) "a psicopedagogia constitui um conjunto de práticas de intervenção no campo da aprendizagem, seja na prevenção, no diagnóstico e no tratamento das dificuldades de aprendizagem ou ainda na intervenção específica no processo de aprendizagem escolar."

Na vida escolar são observados vários tipos de transtornos de aprendizagem. O presente estudo foca na dislexia, discalculia e dislalia. A palavra dislexia por exemplo é derivada do grego "dis" (dificuldade)e "lexia" (linguagem), que segundo Mousinho (2016) "é um Transtorno Específico de Leitura, ou seja, não há déficit intelectual, sensorial ou privação ambiental que justifiquem as dificuldades apresentadas". É uma falta de habilidade na linguagem que se reflete na leitura e na escrita. A dislexia, discalculia e dislalia não são doenças, é um funcionamento peculiar do cérebropara o processamento da linguagem e raciocínio.

Em uma pesquisa realizada pelo Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul e do projeto ACERTA (2018), foi analisada a atividade cerebral das crianças durante uma tarefa de leitura dentro da máquina de ressonância magnética e observaram que a área da forma visual das palavras fica bem ativa em crianças que estão lendo bem, mas o mesmo não ocorre nas crianças com tais transtornos.

A presente pesquisa se justifica diante de sua importância no meio escolar, para identificar e intervir junto a estudantes com esses transtornos, que, segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2018), é o distúrbio de maior incidência nas salas de aula e atinge até 17% da população mundial. A não percepção da dislexia em sala de aula pode ser uma das causas do fracasso escolar. Nessas situações, é necessário a atuação de profissionais capacitados, como o psicopedagogo, que de forma adequada, atuará eficazmente na aprendizagem efetiva desses educandos.

O conhecimento dos resultados da presente pesquisa poderá beneficiar a escola, o educador, a família da criança e a própria criança com dislexia, no entendimento de comoidentificar e os meios que existem para auxiliar nos desafios educacionais associados a esse transtorno. Segundo Rodrigues e Ciasca (2016) "(…) a identificação precoce e o adequado processo interventivo são essenciais para minimizar os efeitos negativos da dislexia, discalculia e dislalia".

O presente trabalho tem por objetivo geral entender como a psicopedagogia pode auxiliar os estudantes que possuem dislexia, discalculia e dislalia nos primeiros anos da vida escolar. E mais especificamente buscar compreender as possibilidades de atuação dos psicopedagogos nas escolas para detectar esta dificuldade e promover a capacitação dos outros profissionais escolares a fim de favorecer a inclusão desses educandos.

A fim de alcançar tal entendimento, será feita a análise de autores e pesquisas nesta área do conhecimento de modo a encontrar as respostas consideradas as mais apropriadas atualmente ao seguinte questionamento:

Como a psicopedagogia, no contexto da identificação e contorno das dificuldades de aprendizagem, bem como da inclusão dos educandos nesta situação, pode auxiliar na aprendizagem dos estudantes com dislexia, discalculia e dislalia, no âmbito educacional?

A metodologia a ser utilizada será a da análise bibliográfica, desenvolvida a partir de materiais publicados em livros, artigos, dissertações e teses.

Muitas crianças apresentam dificuldades no aprendizado e modernamente, esta situação tem sido cada vez mais investigada, estudada pelos profissionais da área para que seja precocemente identificada e para que os educandos que apresentam tais dificuldades sejam acolhidos pelas escolas, que devem fornecer uma aprendizagem significativa e com afeto.

Segundo Mousinho (2016), "pesquisas revelam que crianças com transtorno do aprendizado tornam-se um grupo muito mais favorável ao bullying", ocorridos nas escolas e os disléxicos ficam muito expostos no ambiente escolar. Para Mantoan (2015, l. 384), "(...) a educação inclusiva é, muitas vezes, entendida unicamente como direito de acesso das pessoas com deficiência ao ensino regular".

No entanto, por compreender o

conceito de inclusão de forma mais ampla, ligada à transformação das escolas regulares para atender a todos indistintamente, a autora propõe a expansão do conceito de inclusão, a fim de acolher todos os educandos e não apenas aquelas que possuam um diagnóstico de distúrbios de aprendizagem.

2 DISLEXIA, DISCALCULIA E A DISLALIA

A definição da palavra psicopedagogia, o dicionário Michaelis online (2021), registra que, etimologicamente é uma palavra composta do grego Psykhé + o + pedagogia, que significa aplicação de conhecimentos da psicologia às práticas educativas; psicologia da educação, psicologia educacional. Contudo, Bossa (2011, l. 15) afirma que:

> "A Psicopedagogia não é sinônimo de Psicologia Escolar ou Psicologia Educacional e sim uma área de estudo recente, resultante da articulação de conhecimentos dessa e de outras disciplinas, apontando novos caminhos para solução de problemas antigos. Enquanto área de aplicação ocupa-se dos problemas de aprendizagem (...)"

A Psicopedagogia é uma área que estuda a relação entre aprendizagem e a mente humana. O profissional trabalha tentando entender dificuldades e melhorar os processos de assimilação do conhecimento. Para Bossa (2011, l. 13), "(...) a psicopedagogia nasceude uma necessidade: contribuir para a busca de soluções para a difícil questão do problema de aprendizagem." Segundo Oliveira e Lima (2020, p. 4): " A psicopedagogia mergulha em questões sobre as deficiências de aprender e propõe uma contribuição preventiva, ampliando as práticas para uma nova maneira de sentir, pensar e agir, frente ao "aprender" dos conceitos na escola."

A Psicopedagogia ainda é pouco conhecida, apesar de ter surgido no século XIX. Na época, as pessoas pensavam que os problemas de aprendizagem estivessem relacionados com fatores orgânicos do cérebro e essa ideia perdurou por muito tempo.

2.1 Dislexia

Para a psicopedagogia, o que fez os estudos da área crescerem, assim como sua importância sobre a dislexia é caracterizada, mais frequentemente, pela dificuldade na aprendizagem da leitura precisa e fluente, e na fala.

Disléxicos apresentam dificuldades na associação do som à letra, também trocam letras, por exemplo: trocam o b com d, ou até mesmo escrevê-las na ordem inversa, como "ovóv" para vovó.

Apesar da dislexia envolver o processo da fala e da escrita no cérebro, ela não é um problema visual. Ela atinge também o sentido espacial do disléxico, fazendo-o confundir a direita com a esquerda. Esses sintomas podem se confundir com características de vários

outros fatores de dificuldade de aprendizagem, tais como disgrafia, deficiência de atenção.

2.2 Discalculia

A Discalculia é a incapacidade de entender, compreender o mecanismodo cálculo e a solução dos problemas. É bem mais raro de acontecer e quando acontece vem acompanhado de síndromes.

A discalculia na maioria das vezes é confundida com uma estruturação imprópria do raciocínio matemático, por causa do uso por professores de uma didática inadequada e muitas vezes o excesso de conteúdos.

Muitos professores de séries iniciais exigem que seus alunos compreendam as operações matemáticas sem a forma concreta, isso não tem condições, o aluno precisa estruturar demoradamente a construção do número e o raciocínio de situações problema.

Se isto não lhe é permitido e lhe são exigidos logo números grandes e situações problema abstratas, ela não é capaz de compreender e usa a estratégia da mecanização, que lhe impede a aprendizagem verdadeira.

A Discalculia manifesta-se como a falta de habilidade em lidar com números, símbolos matemáticos e operações matemáticas. Em alguns indivíduos, a dificuldade não se resume apenas na falta de entendimento da matéria, mas também na dificuldade em assimilar a representação gráfica de números (trocas, inversões e omissões) e de símbolos usados na matemática.

2.3 Dislalia

A dislalia é um distúrbio da fala e a sua característica é a dificuldade em pronunciar as palavras. O portador da dislalia não pronuncia corretamente as palavras, ele omite ou acrescenta fonemas, trocando um fonema por outro ou ainda distorcendo-osordenadamente.

A dislalia é caracterizada por falhas na articulação, que pode ser de origem orgânica (lábio leporino, defeito na arcada dentária, freio da língua curto(língua presa), ou de origem funcional (a criança não consegue, não sabe mudar a língua e os lábios de posição.

Quando a dislalia não é por causa orgânica, ou seja, não se encontra nenhuma alteração física, e sim de causa funcional, na maioria das vezes é apresentada em filhos caçulas, ou até mesmo em filhos únicos, que conservama forma de pronuncia infantil, pode-se pensar também em hereditariedade, imitação ou até mesmo alterações emocionais.

Bossa (2011, l. 40) afirma que historicamente, a Psicopedagogia nasceu para atender à patologia da aprendizagem, mas ela tem se voltado cada vez mais para uma ação preventiva, acreditando que muitas dificuldades de aprendizagem se devem ao exercício inadequado da Pedagogia nos ambientes institucional e familiar.

A escola é um espaço de aprendizado, que muitas vezes possui modelos engessados e apresentam dificuldades de lidar com as diferenças.

Assim como a falta de informação e conhecimento da família faz com que a dificuldade de aprendizagem na escola perdure.

Para Mantoan (2015, l. 229) "(…) os sistemas escolares relutam muito emmudar de direção porque também estão organizados em um pensamento que recorta a realidade, que permite dividir os alunos em normais e com deficiências (...)" Muitos bloqueios podem prejudicar o desenvolvimento do educando, que vão desde um problema pontual, como dúvida sobre o conteúdo de uma matéria mais difícil, estresse, aspectos biológicos, como em casos de Dislexia, Autismo ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e também dificuldades físicas como problemas oftalmológicos ou de audição, todas essas possibilidades mexem com o comportamento do estudante e sua aprendizagem, portanto necessitam serem detectadas para que haja intervenção adequada.

"A aprendizagem ocorre quando, por meio de uma experiência, mudamos nosso conhecimento anterior a respeito de uma ideia, comportamento ou conceito". (OLIVEIRA e LIMA, 2020, p. 37). "A presença de uma dificuldade de aprendizagem não implica necessariamente em um transtorno, que se traduz por um conjunto de sinais sintomatológicos que provocam uma série de perturbações no aprender da criança (…)" (RELVAS, 2015, l. 596).

Diante disso, modernamente, novas ciências, como a Neurociência, estudam o Sistema Nervoso Central (SNC), uma estrutura complexa, que é composto pelo cérebro, medula espinhal e nervos periféricos, que segundo Relvas (2015, l. 419) é onde se dá o aprendizado, "(...) que coordena as atividades internas e externas do organismo, produzindo uma integração e a busca em manter a homeostase (equilíbrio) do indivíduo com o meio externo (...)".

Relvas (2015, l. 1412) ressalta que "ao aprendermos, nossas conexões cerebrais se modificam. Com o apoio da Neurodidática, a Neurociência poderá ajudar professores e pedagogos a desenvolverem novas estratégias de ensino e aprendizado (...)". E como a neuroplasticidade é maior nas primeiras fases da infância, a educação infantil reveste-se de grande importância. A educação infantil é a primeira etapa da educação básica. Ela atende crianças de zero a cinco anos de idade (LDB nº 9.394/96, art. 29), que terão o primeiro contato com a escola.

A Educação Infantil é considerada uma das mais importantes etapas da formação das crianças, pois é onde elas começam a existir fora do convívio familiar, o que envolve lidar com diferenças, o desenvolvimento da personalidade e da autonomia, a criação de laços de amizade e as descobertas em diferentes áreas do conhecimento.

Ela funciona como uma base para as demais etapas da educação formal, e o correto aproveitamento desta etapa permite que os pequenos cresçam com mais autonomia e tenham mais sucesso em sua vida escolar e individual. Conforme Oliveira (2008, p.58):

> "(...) na educação infantil que a maioria das crianças terá o seu primeiro contato com uma educação formal, que visa complementar a educação recebida no seio familiar e na sociedade. Por isso, esse nível de educação requer profissionais competentes que possuam as habilidades necessárias para lidar com as especificidades dessa faixa etária."

O Brasil possui algumas legislações e documentos importantes para a Educação Básica, que para o presente artigo são importantes, com foco na Educação Infantil. Segundo a LDB, art. 29, a educação infantil tem como finalidade "o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade e seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade."

Em 2005, o MEC define a Nova Política Nacional de Educação Infantil que indica diretrizes, objetivos, metas e estratégias para essa etapa da educação básica. É importante ressaltar que este documento traz como algumas de suas diretrizes (p. 17) que "(…) a educação de crianças com necessidades educacionais especiais deve ser realizada em conjunto com as demais crianças, assegurando-lhes o atendimento educacional especializado mediante avaliação e interação com a família e a comunidade."Assim como O processo pedagógico deve considerar as crianças em sua totalidade, observando suas especificidades, as diferenças entre elas e sua forma privilegiada de conhecer o mundo por meio do brincar." Conforme o PCN (1998, p. 13), adotado na rede pública, bem como na rede privada de ensino, porém sem caráter obrigatório:

> "Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações (...)".

Em documento formulado com consulta popular, o MEC (BNCC, 2018, p.7) afirma que: "A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (...)". O texto (BNCC, 2018, p.36) ressalta que "Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo." A BNCC na Educação Infantil estabelece ainda seis direitos de aprendizagem: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Mousinho (2016) esclarece que: "No início da escolarização formal podem ocorrer dificuldades de alfabetização, a leitura é feita sob esforço, sem automatismo, entrecortada, com pouca entonação, tropeços e adivinhações de palavras (...)". Demonstrando, pelo que já foi exposto, que a criança na fase da educação infantil, deve ser observada, acompanhada de perto pelo profissional de psicopedagogia escolar, que possui um olhar multidisciplinar, pois é possível detectar sinais precoces de dificuldades de aprendizagem.

Dentre os transtornos de aprendizagem, existe a dislexia, discalculia e dislalia, que segundo Rodrigues e Ciasca (2016):

> "(...) é um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurológica. Acomete pessoas de todas as origens e nível intelectual e caracteriza-se por dificuldade na precisão (e/ou fluência) no reconhecimento de palavras e baixa capacidade de decodificação e de soletração (...)"

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5 *apud* RODRIGUES e CIASCA, 2016) afirma que a dislexia, discalculia e dislalia estão inseridas dentro de uma categoria maior, denominada de "Transtornos do Neurodesenvolvimento", referida como "Transtorno Específico de Aprendizagem". Segundo o manual, o seu diagnóstico precisa da identificação de pelo menos um dos seguintes sintomas:

> "1. Leitura de palavras é feita de forma imprecisa ou lenta, demandando muito esforço. A criança pode, por exemplo, ler palavras isoladas em voz alta, de forma incorreta (ou lenta e hesitante); frequentemente, tenta adivinhar as palavras e tem dificuldade para soletrá-las;
> 2. Dificuldade para compreender o sentido do que é lido. Pode realizar leitura com precisão, porém não compreende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que é lido;
> 3. Dificuldade na ortografia, sendo identificado, por exemplo, adição, omissão ou substituição de vogais e/ou consoantes;
> 4. Dificuldade com a expressão escrita, podendo ser identificados múltiplos erros de gramática ou pontuação nas frases; emprego ou organização inadequada de parágrafos; expressão escrita das ideias sem clareza."

Contudo, a presença de um ou mais desses sintomas especificados acima, não significa que a criança tenha dislexia, discalculia e dislalia, pois estes sintomas podem ser decorrentes de outros fatores, como: deficiência intelectual e sensorial, síndromes neurológicas diversas, transtornos psiquiátricos, problemas emocionais e fatores de ordem socioambiental.

Nesse sentido, o manual DSM-5 (DSM-5 *apud* RODRIGUES e CIASCA, 2016) instrui que, para considerar como dislexia, discalculia e dislalia os sintomas acima, deve-se também observar os seguintes critérios:

> "• Persistência da dificuldade por pelo menos 6 meses (apesar de intervenção dirigida);
> • Habilidades acadêmicas substancial e qualitativamente abaixo do esperado

paraa idade cronológica (confirmado por testes individuais e avaliação clínica abrangente);

- As dificuldades iniciam-se durante os anos escolares, mas podem não se manifestar completamente até que as exigências acadêmicas excedam a capacidade limitada do indivíduo, como, por exemplo: baixo desempenho em testes cronometrados; leitura ou escrita de textos complexos ou mais longos e com prazo curto; alta sobrecarga de exigências acadêmicas;
- As dificuldades não são explicadas por deficiências, transtornos neurológicos, adversidade psicossocial, instrução acadêmica inadequada ou falta de proficiênciana língua de instrução acadêmica."

O conhecimento de tais orientações é importante para que não seja considerado qualquer sintoma e comportamento de dificuldade na leitura, soletração e escrita como sendo dislexia, discalculia e dislalia.

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2018) traz informações estatísticas nacionais acerca da dislexia, correspondente aos anos de 2013 - 2021 e dentre as várias pesquisas realizadas, gerando dados estatísticos, sobressai o indicativo de componente genético, hereditário relacionado a dislexia, pois 84% dos pesquisados possuem pessoas da família também com o transtorno.

Para Mousinho (2016, p.43) "dislexia é (...) uma alteração linguística, especialmente na área fonológica, mas que pode envolver também o processamento visual. (...) A leitura de quem tem Dislexia não seria automática e atrapalha funções mais nobres, como a interpretação." Usando de uma linguagem metafórica, poderia-se dizer que a pessoa disléxica faz um esforço muito grande para selecionar mentalmente um som associado a uma imagem, que a leitura de um disléxico ficaria sempre como a direção de um piloto principiante e com isso a atenção fica dispersa, competindo com outras atenções ao dirigir, como apertar os pedais, passar a marcha ou olhar o espelho e atrapalha funções importantes como ver se alguém está atravessando ou freando o carro em frente.

Mousinho (2016) lembra ainda que "(…) não há medicação para Dislexia.

O tratamento visa desenvolver os aspectos prejudicados, para que as dificuldades de leitura e escrita sejam minimizadas ou superadas." E que por se tratar de um déficit linguístico, requer o acompanhamento fonoaudiológico e apoio educacional, de um profissional da psicopedagogia e até mesmo do acompanhamento psicológico, pois muitas vezes, a criança fica emocionalmente abalada, somatizando e apresentando sintomas de ansiedade, como: dores de barriga, dores de cabeça e outros sintomas.

Por todo exposto, é de fundamental importância a parceria da escola com a família a fim de propiciar a inclusão do educando nesta situação. Inclusão escolar, de forma simplificada, significa todas as pessoas terem acesso, de modo igualitário, ao sistema de ensino regular.

Não sendo tolerado discriminação, seja de gênero, etnia, religião, classe social,

condições físicas e psicológicas. O artigo 208 da Constituição Federal de 1988 diz que é dever do Estado garantir atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também assegura esse direito às criançase aos adolescentes.

Historicamente, o Brasil possui, em sua construção societária, muitos fatos de escravização, de discriminação, preconceitos e exclusão, que fizeram e fazem parte do comportamento de muitos brasileiros até os dias atuais, fazendo parte também do cotidiano escolar, demonstrando a dificuldade das escolas realizarem a inclusão.

Mantoan(2015, l. 238) assevera que "(..) se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada à cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconhece e valoriza as diferenças."

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A década de 90 impulsionou o assunto da inclusão, com o discurso em defesa da Escola para Todos, ocorrendo vários eventos internacionais com esse objetivo. No Brasil começam a ser criadas leis importantes, como a Lei n° 7.853, de 24/10/89, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, que consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Contudo, a exclusão escolar é ainda muito presente nos dias atuais.

Segundo Mantoan (2015, l. 216) "A exclusão escolar manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras, e quase sempre o que está em jogo é a ignorância do aluno diante dos padrões de cientificidade do saber escolar."

Mesmo com muitos avanços, muitas vezes o conceito de inclusão parece ser utilizado apenas para renomear integração, considerando que o melhor é a colocação do estudante com deficiência na classe regular, desde que se enquadre aos pré-requisitos da classe.

Diante disso, Mantoan (2015, l. 281) assevera que "a inclusão (...) é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos devem frequentar as salas de aula do ensino regular." O discente com dislexia, discalculia ou dislalia, também sofre com exclusão, com o bullying na escola, devido a dificuldade na leitura, por ficar exposto em suas dificuldades. Mousinho (2016) diz que: "Nem sempre é possível modificar a metodologia proposta pela escola, mas propor novas formas de aprendizagem sim. (...) Quanto mais experiências oferecermos a este aluno com dificuldade, mais amplas serão suas possibilidades de aprender (...)".

Como disse Freire (2011, p. 20) "(…) ensinar não é transferir conhecimento, mas

criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção."

A intervenção psicopedagógica auxilia no processo de inclusão de estudantes disléxicos, segundo Weiss (2015, p.9) "a intervenção psicopedagógica busca levar o sujeito-aprendiz a construir sua aprendizagem de forma autônoma (...), ficar consciente de suaspossibilidades (...).

Tal construção levará a melhoria, ao crescimento do autoconceito, da autoimagem, da autoestima."

4 MATERIAL E MÉTODOS

Na pesquisa realizada pelo Instituto do Cérebro do Rio Grande do Sul e do projeto ACERTA (2018), foi analisada a atividade cerebral das crianças durante uma tarefa de leitura dentro da máquina de ressonância magnética e constataram que a área responsável pela forma visual das palavras fica bem ativa em crianças que estão lendo bem, mas o mesmo não ocorre nas crianças com dislexia, discalculia e dislalia. E em outra pesquisa, relatada neste mesmo artigo, detectaram que na criança com dislexia, discalculia e dislalia, além da área cerebral do visual das palavras não ficarem ativas durante a leitura, quando fica em repouso, não estáem constante comunicação com a rede padrão do cérebro, um comportamento diferente das crianças boas leitoras, cujo cérebro mostrou atividade da área da forma visual das palavras ao lerem em constante comunicação com o cérebro em repouso: como se, mesmo, em repouso, sempre estivessem prontas para ler.

A partir destes resultados foi possível "(...) aprofundar o entendimento da neurobiologia deste transtorno em crianças (...)" (ACERTA 2018) e, no entendimento de que o cérebro da criança disléxica não está em prontidão para leitura, pode auxiliar na compreensão do funcionamento do cérebro da criança com dislexia, discalculia ou dislalia, e a partir disso viabilizar a busca de estratégias educacionais para a aprendizagem dessas crianças.

5 CONCLUSÃO

As dificuldades de aprendizagem e alterações da linguagem ocorrem de forma diversa, contudo as principais causas estão ligadas aos fatores neurológicos. No caso da dislexia existem também fatores hereditários.

A dislexia não é uma doença, não precisa de remédio, os disléxicos são inteligentes, apenas necessitam de estratégias diferenciadas para o seu aprendizado, como: ser feita leituras dos textos para eles, a utilização de jogos, avaliações orais, a ampliação de recursos visuais, o uso de organogramas e esquemas, assim como utilizar da tecnologia.

A dislexia, discalculia e dislalia podem ser detectada em sala de aula, já na educação infantil, quando a criança está alfabetizando ou logo depois desse processo em que a criança apresenta dificuldades na leitura, na soletração, na troca de letras e

outros. Apresentando estas dificuldades, o rendimento escolar fica baixo e nessas situações o educando pode apresentar também sintomas físicos e emocionais, como cansaço, irritabilidade, autoestima baixa, dores de cabeça, dores de barriga, não querer ir para escola, sintomas típicos da ansiedade.

A essa altura dos acontecimentos, muitas vezes, a criança vira alvo de reclamações na família e de *bullying* em sala de aula.

É preciso ter o conhecimento sobre como funciona a dislexia, discalculia e dislalia e seus sintomas comportamentais. A observação e o acompanhamento diário dos discentes em sala de aula, principalmente na fase da educação infantil, são muito importantes. A atuação psicopedagógica nas instituições trabalha principalmente na prevenção, estratégia por meio da qual evita-se, muitas vezes, situações mais graves, que poderiam demandar a atuação de uma equipe multidisciplinar para tratamento dentro e fora da escola.

O profissional da Psicopedagogia é o mais adequado para identificar casos de dislexia, discalculia e dislalia em sala de aula e toda escola deveria ter um profissional da área.

O profissional da psicopedagogia é aquele que estuda para entender e intervir nas questões que se referem à aprendizagem e que, junto da equipe pedagógica, professores da escola podem auxiliar na busca de estratégias para que o estudante nessa condição aprenda, se sinta capaz, incluído e tenha autonomia.

Todo aquele que não segue padrões, considerado o diferente da maioria, fica exposto a julgamentos preconcebidos. No meio escolar isso não é diferente e o lugar que deveria ser de inclusão, torna-se de exclusão. A inclusão, no sentido etimológico, vem do verbo incluir, significa compreender, fazer parte de ou participar de. Nota-se que no significado de inclusão aparece a palavra participar e participação é uma necessidade fundamental do ser humano, que só terá possibilidade de total desenvolvimento numa sociedade que permita a sua participação.

6 REFERÊNCIAS

ABD (Associação Brasileira de Dislexia). **Estatística de 2013-2021**. Disponível em: https://www.dislexia.org.br/wp-content/uploads/2017/10/ABD Informa%C3%A7%C3%B5e s estat%C3%ADsticas-2013-a-2021-.pdf. Acesso em 30 abril 2022.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. EditoraWak, Rio de Janeiro, 4ª edição, 2011. Paginação irregular.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Versão final 2018. Disponível em:http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.: Acesso em 20 abril 2022.

BRASIL. **Constituição (1988). República Federativa do Brasil. Brasília:** Senado Federal,Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.**

BRASIL. **Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989**.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).** Introdução. MEC/SEF. Brasília. 1997.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Infantil:** pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação. MEC. Disponível em:http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pol_inf_eduinf.pdf Acesso em 20 abril 2022.

BUCHWEITZ, Augusto. **Conecta: o cérebro disléxico**. 2018. Disponível em: http://cienciaparaeducacao.org/blog/2018/04/19/conecta-o-cerebro-dislexico/ Acesso em 20 abril 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Editora Paz & Terra. São Paulo. 2011. Paginação irregular.

MANTOAN, M. T. É. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 1ª edição, 2015. Paginação irregular.

2021. MICHAELIS **moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/psicopedagogia/ Acesso em 30 de maio de 2022.

MOUSINHO, Renata. **Ler é igual para todos? Como potencializar as habilidades de um aluno com dislexia?** 2016. Disponível em: https://www.andislexia.org.br/lerEhIgualParaTodos.pdf Acesso em 30 abril 2022.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **A importância da Psicopedagogia na educação básica como paradigma de uma cidadania ativa.** 2005. Disponível em: https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/8838 . Acesso em 20 abril 2022.

OLIVEIRA, Alex de; LIMA, Elaine. **O papel da psicopedagogia na escola.** 2020. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/psicopedagogia-na-escola. Acesso em 30 abril 2022.

OLIVEIRA, Maria Izete de. **Educação infantil: legislação e prática pedagógica.** 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414 69752008000200004

Acesso em 20 abril 2022.

RELVAS, Marta P. **Neurociência e Transtornos de Aprendizagem.** Editora Wak, Rio de Janeiro, 6ª edição, 2015. Paginação irregular.

TAVARES, Romero. **Aprendizagem significativa.** 2004. Disponível em: http://www.projetos.unijui.edu.br/formacao/_medio/fisica/_MOVIMENTO/ufpb_energia/Textos/ASConceitos.pdf. Acesso em 20 maio 2022.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Intervenção Psicopedagógica nas Dificuldades de Aprendizagem Escolar.** Editora Wak, Rio de Janeiro, 1ª edição, 2015. Paginação irregular.